

BANCO DA VITÓRIA - A História Esquecida

Roberto Carlos Rodrigues

Índice

1. Agradecimentos
2. Apresentação
3. A história esquecida
4. Antes dos Portugueses
5. Rio Cachoeira
6. Descobridores e desbravadores
7. O Terceiro Povo
8. A Sesmaria Vitória e o Engenho da Fazenda Vitória
9. A Rainha (ou princesa) da Vitória?
10. A trilha do banco
11. O Arraial do Banco
12. O povoado de Banco da Vitória
13. A origem do nome Banco da Vitória
14. A Visita do Príncipe Maximiliano ao Banco da Vitória
15. Os tempos áureos do cacau
16. O declínio do Banco da Vitória
17. O Bairro de Banco da Vitória
18. Os 'bairros' de Banco da Vitória
19. 'O Meu Banco da Vitória'
20. Banco da Vitória Hoje
21. As Sementes da Vitória
22. Fatos históricos, Pitorescos e Estórias da nossa gente.
23. Referências e Curiosidades
24. Passa Régua
25. Referências Oitivas
- 26. Referências Bibliográficas**

Anexos

Moradores ilustres e velhos esquecidos

A História Esquecida

Para João Rodrigues dos Santos,
"João de Coló"

Dedicado a José Vieira dos Santos
"Lenda viva da nossa historia".

Roberto Carlos Rodrigues

Ilhéus, Escrito em Dezembro de 2004, revisado em Novembro de 2008

Nota: Nesta versão temos apenas 02 dos 16 capítulos do livro original.

Agradecimentos

Todo agradecimento tem forte apelo de pessoalidade. Os agradecimentos desse livro são quase biográficos devidos aos motivos que engendraram a formatação e compilação há história de Banco da Vitória, bairro de Ilhéus – Bahia, Brasil. A ignição motivacional para escrever esse livro ocorreu quando eu conseguir o meu primeiro emprego como operador de áudio na emissora Cidade FM de Ilhéus, isso em novembro de 1985. Naquela ocasião quem me emprestou o dinheiro para pagar as passagens de ônibus de Banco da Vitória para Ilhéus foi o meu tio-avó, o saudoso João Rodrigues dos Santos, conhecido como “João de Colo”.

Quando por fim eu recebi o meu primeiro salário, o procurei imediatamente para saldar a minha dívida. Tio João de Coló, com o seu jeito dengoso e festeiro, se recusou a receber aquela "ajuda financeira" que tinha me dado e me lembrou que 'a minha grande dívida' para com ele era escrever a história verdadeira de Banco da Vitória, a sua terra amada e abençoada por Deus. Naquele instante eu lembrei que anos atrás, durante uma pescaria nas águas claras e fartas de peixes do Rio Cachoeira, eu tinha lhe prometido fazer exatamente isso.

Nessa época eu não sabia o preço dessa empreitada nem a demanda da promessa. Tio João de Coló vivia instigado com a versão comumente conhecida em nossa localidade que dizia que a rainha de nome Vitória, de Portugal, tinha adentrado a foz do Rio Cachoeira e sua nau ficara encalhada no areal da água boa. Muita gente acreditava que o nome da nossa comunidade advinha desse episódio.

Como veremos a seguir, esse é um fato pitoresco e lendário. Pois a ‘nossa rainha Vitória’ que teve sua chalana (e não uma nau), encalhada no referido local, jamais esteve em Portugal, vinha constantemente ao Arruado do Banco (como era conhecida a nossa comunidade no século 19) e de realeza mesmo, tinha somente a beleza e a riqueza.

João de Coló, nascido nas margens do Rio Cachoeira e profundo conhecedor da nossa cultura foi levado pelas tranças do tempo e faleceu em terras distantes, porém com nome de rio, dessa vez, ‘Rio de Janeiro’. A minha dívida com ele ficou pendente até hoje. Agora com esse pequeno livro espero poder cumprir com a minha promessa de menino que sonhava ser escritor. Mesmo em memória, sinto-me realizado.

Banco da Vitória - A História Esquecida é dedicada integralmente a essa pessoa espetacular que foi João de Coló. Ele foi o maior amante do Banco da Vitória que eu conheci. Ele era um protetor das matas, dos bichos, dos rios e das mais variadas formas de vidas. Bem antes de se falar em ecologia, proteção ambiental e biodiversidade, João de Coló já pregava a harmonia com a natureza e exaltava a vida em toda sua diversidade. João de Coló foi de alguma forma, o verdadeiro mentor desse livro e para ele eu o dedico carinhosamente como promessa cumprida.

Não posso deixar de agradecer também a minha primeira professora e co-mãe Cremilda Santana, cúmplice das minhas primeiras letras e saberes. Foi através do seu exemplo de perseverança e luta que eu aprendi a sonhar e acreditar nas belezas das nossas vidas. Foram os seus ensinamentos que lapidaram toda uma geração de jovens de Banco da Vitória e nos mostrou as primeiras noções de Direitos Humanos, Igualdade, Solidariedade e Fé. Professora Cremilda não só me ensinou a ler e escrever, como também me moldou com a sua cultura requintada, saber abrangente, ética impermeável e essencialmente sua fé inabalável na beleza da vida. Eu serei sempre grato pelo seu exemplo de vitória e superação. Sou eterno devedor dos seus favores e atitudes vencedoras. Seu nome é para mim, sinônimo de esperança.

Há agradecimentos especiais também para o mestre e professor Dr. Juracy Martins Santana, pelo tantos livros que me emprestou e principalmente pelas oportunidades de dias melhores que me ofereceu. Por certo, foi com ele que eu aprendi ter prazer e hábito pela leitura e o conhecimento sem preconceitos. Dos mesmos calibres são os agradecimentos para o meu amigo Josa, da UESC, Pedro Filho, Ivone Santos e meus tios Jair, Geny, Idalice, Nilza, Vaninha, Menininha, Iracy. Todos do clã dos Rodrigues de Assis, bem como meus tantos primos e tios, do mesmo lastro. Além destes, o meu agradecimento maior vai para os meus avós maternos seu Feliciano de Assis e Dona Cabocla, que me criaram e para os meus avós paternos seu Antônio Cardoso e Dona Maria Cardoso. E para meus pais, em particular apreço, Carlos Cardoso do Nascimento (Carrinho) e Ilza Rodrigues do Nascimento (Bebê). Ambos, loucamente apaixonados pelo Banco da Vitória, assim também, Ivone Santos, que vive nessa mesma sintomatologia.

Quero também agradecer aos colaboradores primazes que me ajudaram nessa empreitada, principalmente Antônio Isaias, Zé Vieira, Rosival Calasans, Seu Joaquim, Dona Lia, Jonas Paraíso, Zeca Serafim, Gogó de Sola, Bibogo entre tantos outros.

Entre os que não estão mais entre nós e que colaboraram com informações, vale citar vários autores de valiosas oitavas e relatos colhidos na minha infância e adolescência em Banco da Vitória, como Xisto Gomes, 'Seu Zé Lavinge', "Nestor Pereira", "Pedro Pereira", Josias Xavier, Feliciano de Assis, Nefital de Souza, "Cabo Jonas", "Seu Lindote", "Elias Rabada-gorda", "Seu Cazeca", "Seu Ezequiel", "Genésio Cambista", "Jonas Porco e Touro", "Seu Veio Coto", "Gaguinho", "Ernesto Cambista", "Seu Cazeca", Courinho, Nelson Fontes, Tiago Cardoso, Seu João Batista, Seu Juca e tantos outros ilustres moradores desse lugar maravilhoso. É do mesmo porte as informações de Dona Pureza, Dona Chica, Dona Vivinha, Dona Dedé, Dona Normélia, Dona Inês, Dona Adélia, Dona Adelaide, Dona Conceição, Dona Romana da Beira do Rio, Dona Nalva, Dona Constância, Dona Diva, Dona Maria de Boa Ventura, Dona Maria do Alto da Bela Vista, entre tantas outras ilustres conterrâneas.

Em verdade, escrevendo esse livro eu não só quito a minha dívida com meu tio João de Colo, mas também declaro o meu amor incondicional ao nosso querido Banco da Vitória, que comumente chamo de O Melhor Lugar do Mundo. Por isso, dedico esse livro também a todos os meus amigos de Banco da Vitória.

Por último e com o seu devido brio, dedico esse livro a minha companheira de todas as horas, situações e ocasiões. Minha amada esposa Neildes de Jesus Amorim, que fomentou comigo a idéia de escrevê-lo. Ela foi, - desde o primeiro instante -, a maior das minhas influenciadoras, entusiastas e animadoras. Sem ela, essas linhas, por certo, jamais existiriam.

Apresentação

Escrever esse livro foi para mim um ato de ousadia e audácia. Isso porque se trata de um livro com cunho histórico, com suas pesquisas de fontes, relatos e referências bibliográficas. Foi um ato de perseverança devido ao tempo dedicado, as informações cruzadas, as tantas citações e principalmente, o tempo disponível para essa empreitada deveras cansativa, porém, prazerosa. Por último temos o legado deste registro histórico, uma vez que esse livro, apesar de ser sucinto e imperfeito, é o embrião das futuras discussões, pesquisas, conversas e elucubrações sobre a história da nossa comunidade.

Desse modo, apresento para vocês a História, com "H", do nosso bairro de Banco da Vitória. Apesar de ser uma história esquecida por muitos, acredito que com esse pequeno ato eu estarei tirando a nossa história 'das estórias', lendas, superstições, aforismos e achismos que permeiam as nossas vidas ribeirinhas.

Dei a esse livro o título de **Banco da História - A História Esquecida**, devido à situação de descaso histórico que eu encontrei quando resolvi escrevê-lo, recorrendo aos dados e informações que raramente existem nos órgãos oficiais da cidade de Ilhéus, do estado da Bahia e do Brasil, sobre a nossa comunidade.

Em verdade, pouca coisa existe sobre a nossa existência no Arquivo Público, na Prefeitura Municipal de Ilhéus, na CEPLAC e até mesmo UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz). No IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), nem dados populacionais se têm da nossa comunidade, uma vez que o Banco da Vitória, por ser hoje bairro de Ilhéus, têm os seus dados sociais agrupados aos da zona urbana da cidade (pesquisa feita em junho de 2007).

Apesar de ser citado em diversos livros importantes, como até na mundialmente conhecida Enciclopédia Barsa e de ser cenários de diversas passagens de romances do renomado escritor Jorge Amado (livros São Jorge dos Ilhéus, página 51 e Terras do Sem Fim, página 191) e no primoroso livro Crônicas da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, de Silva Campos, o Banco da Vitória nunca teve a sua história realmente contada nem a sua devida importância regional reconhecida pelo município de Ilhéus e a Região Cacaueira. Por conta deste descaso histórico, estivemos por todo esse tempo esquecidos sobre a ótica da História do Brasil, da Bahia e principalmente do Município de Ilhéus.

Particularmente eu nunca entendi esse descaso para com a nossa comunidade, haja vista que fomos por mais de 04 séculos o caminho para o desenvolvimento de tudo que se conheceu como a Civilização do Cacau.

Durante as minhas pesquisas na Prefeitura Municipal de Ilhéus eu recebi a triste notícia que os dados históricos sobre o nosso bairro (antigo povoado e outrora distrito) se perderam junto com diversas outras informações que existiam no antigo Instituto de Cacau da Bahia (ICB). Não me surpreendi com a situação, pois sempre foi assim que a história de Banco da Vitória foi tratada pelos órgãos oficiais de todas as instâncias.

Por se tratar de um trabalho arduo de mais de cinco anos de pesquisa e entrevistas e quase trinta e cinco anos de conversas e consultas com os mais renomados moradores da nossa comunidade e historiadores regionais, esse livro é uma forma que eu encontrei para reparar as nossas verdadeiras origens, que tanto têm sido esquecidas e menosprezadas ao longo dos anos.

Todas as informações contidas nesse trabalho possuem referências bibliográficas e por isso são as mais próximas da verdade. Quando as informações foram obtidas de formas orais, eu procurei cruzar diversos relatos para se obter uma melhor condensação e aproximação da veracidade dos fatos. Dessa forma, não me considero o autor desse livro. Sou somente um ouvidor atento que passa para o papel, o que se ouve, indaga, pesquisa e acredita ser verdadeiro.

Banco da Vitória - A História Esquecida é um livro inacabado que precisa ser refeito por outras mãos, outras opiniões e visões. Todavia, é o alicerce de tudo que fomos, somos e seremos.

Devotambém dizer que um dos fatos que mais me animou na conclusão desta empreitada foi descobrir no ano 2007 que na cidade de São Paulo (SP) tem uma rua com o nome de Banco da Vitória (**Rua Banco da Vitória - Vila Matilde - São Paulo - SP, 03533-020**). Em visita ao local, eu fiquei sabendo que um antigo morador, oriundo da nossa comunidade nos idos dos anos 60, morou no local paulistano e se tornou um carismático líder comunitário. Por isso, em sua homenagem, puseram o nome de Banco da Vitória, sua terra amada e jamais esquecida, numa rua na maior capital da América Latina.

Infelizmente, essa pessoa já faleceu e era conhecida no referido local, como apenas “Zé Bahia”. Ele, assim como muitas pessoas anônimas da nossa comunidade, sabe o verdadeiro valor desse pedaço de chão incrustado entre o Rio Cachoeira e a Mata Atlântica. Por isso não podemos delegar o esquecimento da nossa história nem tão pouco malogra-la.

Desejo-lhe uma boa leitura e um forte abraço.

Roberto Carlos Rodrigues,

(Escrito entre agosto e dezembro de 2004, Revisado entre fevereiro e novembro de 2008).

Registro Provisório Biblioteca Nacional: 7620885135-NA-RT02

Titulo: A História Esquecida
Autor : Roberto Carlos Rodrigues
Categoria: História Regional
Mape End: Brasil, Nordeste, Bahia, Ilhéus

Temas: Ilhéus, Colonização, Cacau, povos Grapiúnas
ISONFORM: T ASD 007902-05

A História Esquecida

*"Lembras o que não pode ser esquecido.
E esquece o que não deve ser lembrado."*

Isidro, filósofo romano.

A História, - segundo os historiadores, antropólogos e sociólogos -, acontece somente debaixo dos olhares de observadores. Dessa maneira, para que algo seja classificado como elemento histórico, ele precisa de mínimo de duas coisas inexoráveis neste contexto: observadores e registros. Ou seja, é preciso que haja pessoas observando os fatos e realizando seus devidos registros. Somente assim - volto a frisar -, se pode alicerçar uma narrativa fidedigna e coerente aos preceitos históricos.

São exatamente sobre esses dois aspectos que a história do Banco da Vitória malogra, peca e se esvai pelas tranças e manhas dos tempos.

Os observadores iniciais das margens do Rio Cachoeira - os jesuítas, desbravadores, cabos-de-guerra, aventureiros e portugueses degredados que por ali passaram no meio do século XV, jamais imaginaram que ia surgir um arruado, a margem de um rio caudaloso que descia para a foz pacata do mar de Ilhéus. Por último, raríssimos registros específicos foram feitos dessa região, haja vista que na época dos desbravamentos do território brasileiro, o Banco da Vitória era somente uma mata densa e perigosa, á beira de um rio sem nome. Muitas das informações primordiais da origem de Banco da Vitória foram feitas através da oralidade. Algumas observações descritivas foram feitas pelos jesuítas da Companhia de Jesus, que tinham o dom da escrita e tinha também por hábito descrever em cartas as suas investidas na catequese dos índios tupiniquins e aimorés que habitavam essa região.

A história de Ilhéus é precedida da História Banco da Vitória e estão visceralmente ligadas a do Rio Cachoeira. Por esse motivo, vamos nos ater um pouco a história de Ilhéus, - a nossa terra mãe -, e depois a história do Rio Cachoeira para então podermos entender melhor a história de Banco da Vitória.

Antes disto, devemos nos interrogar e indagar o seguinte: - Por que o Banco da Vitória, que o foi um dos primeiros lugares, depois de Ilhéus, a receber a visita dos desbravadores portugueses na Capitania de São Jorge dos Ilhéus, foi tão esquecido pela história local, estadual e Brasileira? Por que, o local tão facilmente citado como ponto de partida para a exploração da região do sul da Bahia pelos portugueses e depois como ponto de referência para a criação e manutenção da civilização cacauera, foi tão negligenciado quanto a sua importância histórica? Por que, esse verdadeiro umbigo da região cacauera, foi esquecido e malgrado pela cidade de Ilhéus e seus tantos governantes? Por que o Banco da Vitória, que no início do século 20 já tinha telefone, telegráfo, iluminação pública, órgãos de coleta de

impostos, porto fluvial, armazéns, delegacia de polícia e era sede da intendência regional, não se tornou cidade, como vários outros lugares da região cacauzeira?

Ao logo deste livro você obterá as respostas para todas essas indagações. Por ora, vamos rever a história de Ilhéus.

Francisco Borges Barros no seu livro "Memória Sobre o Município de Ilhéus" publicado em 1915 cita que a capitania de São Jorge dos Ilhéos foi doada pela coroa portuguesa a Jorge de Figueiredo Corrêa, em 26 de junho de 1534, e o Foral de 11 de março de 1535, registrando as folhas 70 do livro 10 da Chancelaria de D. João III, de 01 de abril de 1535. Jorge de Figueiredo Corrêa possuía cinquenta léguas de costa contadas a partir do sul da Ilha de Itaparica. Para colonizar a nova posse, Jorge de Figueiredo Corrêa enviou um castelhano autoritário e rude homem de guerra, um loco-tenente chamado de Francisco Romero. Nesse mesmo ano, três caravelas saíram do Rio Tejo rumo às terras de Jorge de Figueiredo Corrêa. Primeiro esse grupo de desbravadores ficou bandeira na ilha de Tinharé, onde estar localizado o Morro de São Paulo (atualmente distrito de Valença). Pouco tempo depois, os topógrafos da expedição portuguesa acharam um local mais apropriado para fundar uma vila: era a baía de Ilhéos. Em 1535 os portugueses fundaram a vila de São Jorge no cume do atual Morro de São Sebastião. Segundo a história oficial, o logo a vila se desenvolver e se tornou alvo de piratas estrangeiros e ataques de índios.

Segundo Luiz Walter Coelho Filho, no seu livro "A Capitania de São Jorge e a Década do Açúcar" publicado no ano 2000 pela Editora Vila Velha, foi no ano de 1545 que Jorge de Figueiredo Corrêa doou várias sesmarias da sua capitania. Entre elas estavam a sesmaria do engenho de Santana, no Rio do engenho, para Mém de Sá, que depois seria o governador geral da Bahia e a Sesmaria de Fernão Álvares, onde estavam inseridas as terras da futura Sesmaria Vitória.

O escritor José Nazal P. Soub, no seu requintado livro fotográfico, Minha Ilhéus, assim descreve o local *mater* da Vila de São Jorge dos Ilhéus, nos anos idos de 1540: "A posição da vila é muito bonita. A ponta de terra arenosa, em cuja margem ocidental está edificada a vila, é guarnecida de um profuso coqueiral ondeante, imprimindo um particular encanto à bela palmeira onde quer que apareça..."

Naquelas tórridas décadas do século XVI, quando se fundou a sede da capitania de São Jorge de Ilhéus, segundo os jesuítas da Campainha de Jesus, a nossa região só tinha duas cores: o verde exuberante das matas que iam além dos alcances dos olhos e o azul sem igual do céu refletido num oceano de beleza impar, o Atlântico.

Onde hoje se localiza a cidade de Ilhéus havia o encontro de três rios, depois chamados de Cachoeira, Almada e Santana que formavam um porto bastante seguro e calmo. Foi pela geografia privilegiada do local que os fundadores da Vila de São Jorge dos Ilhéos escolheram essa "Coroa Grande" (a junção dos rios e os morros laterais). Afinal, isso lhe propiciava uma verdadeira fortaleza natural.

Segundo a historiadora Maria Helena Heine, referindo-se a Silva Campos, foi no atual Morro do Oiteiro de São Sebastião que foi fundada a sede da capitania de São Jorge dos Ilhéus, no ano de 1535. Essa escritora também argumenta que, antes dos portugueses, os franceses já faziam contrabando de pau-brasil através de escambos com os índios tupiniquins. Motivo pelo qual obrigou a coroa portuguesa ocupar essa faixa terrestre do Brasil.

O nome da Cidade de Ilhéus advém das ilhotas existentes no leste da região, chamada de ilhéus, pelos portugueses. Os ilhéus são a Pedra de Ilhéus, Itapitanga, Itaipim e Pedra do Rapa. Vale também dizer que, na época do povoamento inicial de Ilhéus, o oiteiro de São Sebastião era circundado pelo um braço de mar que corria pela atual Rua do Vesúvio e encontrava a baía do Pontal. A região onde hoje se tem a Praça Cairú era também alagadiça, criando sobre as forças das marés, pequenas ilhotas que se localizavam onde se tem hoje o centro da cidade. A mesma coisa ocorria na atual região dos bairros da Cidade Nova e do Malhado.

Os portugueses desbravadores desta época ficaram extasiados com tamanha beleza natural e a perfeita harmonia das matas, dos ventos, dos rios e do mar de Ilhéus. As matas pareciam um bordado intransponível e cheio de mistérios e bichos. Os ventos eram brandos e propícios à navegação; os rios eram caudalosos e calmos e o mar era a porta de entrada e saída de um verdadeiro paraíso do Novo Mundo. O clima ameno dos trópicos deixou os desbravadores portugueses encantados com as condições de vida da região do sul da Bahia. As chuvas eram matinais e logo no meio das manhãs o sol surgia e ardia até o final do dia, quando a noite vinha fresca e vezeira, abanar as folhas nativas e propiciar o sono dos justos.

Todavia, nem tudo era somente a visão do paraíso. Havia a mata fechada e nela, as feras naturais, as febres assassinas e os temíveis índios aimorés. Alguns historiadores citam que na beira do mar de Ilhéus viviam os índios Camacãs, Pataxós, Hã-hã-hães (da etnia Tupi) e os aimorés, mais para dentro das matas. Os aimorés eram os índios dos clãs dos Jês e inimigos dos Tupis. Os índios tupis que eram receptivos, curiosos e até sociáveis, (para os padrões de razão dos portugueses daquela época). A maioria dos aimorés, contudo, era feroz, traiçoeira e principalmente canibalesca. Por esses motivos, os primeiros moradores da sede da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, preferiram viver junto à costa e aos índios tupiniquins e longe das matas e dos seus íncolas indígenas.

Mas era preciso explorar a nova pose, conhecer os limites da capitania, descobrir ouro e prata e desbravar o território. Esse esforço ficou por conta dos jesuítas, com os seus trabalhos de catequese dos índios domados e dos temíveis homens desbravadores, que eram tão cruéis quanto os nativos dessas terras cobertas de verde.

Ilhéus era um local cobiçado devido as suas riquezas naturais e principalmente pelo seu porto estrategicamente bem posicionado entre o mar, os rios e os montes. Por isso, em 1595 a vila de Ilhéus foi invadida pelos hereges franceses, que a saquearam e devastaram. Tempos depois, os soldados da esquadra do almirante Lichthardt, desembarcaram no Pontal, fazendo dali o ponto para assaltos e ataques

na vila de São Jorge dos Ilhéus. Nestas duas investidas os estrangeiros foram heroicamente repelidos pelos poucos moradores da Vila, com ajuda dos índios tupiniquins. Quando do primeiro grande ataque indígena à Vila de São Jorge dos Ilhéus, os moradores rezaram pedindo a intervenção de Nossa Senhora e venceram a batalha. É dessa época a primeira manifestação do culto a Nossa Senhora 'da Vitória', que seria depois a padroeira de Ilhéus. Embrionariamente, é por esse motivo que em Ilhéus até hoje possui bairros, igrejas, ruas, fazendas, empresas, colégios e praças com nomes relativos à "Vitória". Como veremos a seguir, daí também advém o gameta que originou o nosso sobrenome "vitória".

Segundo Gabriel Soares, historiador e bandeirante português, os primeiros estrangeiros que chegaram à região onde hoje está localizado o bairro de Banco da Vitória, provavelmente entre 1552 e 1554, foram os jesuítas da Companhia de Jesus da América do Sul e os desbravadores portugueses. Todavia, poucos registros específicos do local referente à Banco da Vitória foram feitos durante essas suas expedições devido os aspectos anteriormente citados. Os poucos homens que se aventuraram "além do Rio da Esperança" e subiram o rio, - que posteriormente foi batizado de Cachoeira, malmente descreveram o que existia rio acima.

Os jesuítas, preocupados com as domas e catequeses dos índios nas margens do rio cachoeira, provavelmente foram os primeiros que se aventuram por essas veredas e chegaram ao local onde hoje estar o bairro de Banco da Vitória. São deles os primeiros e poucos relatos escritos da nossa história. Pode-se assim dizer que as cartas dos catequistas Antônio Pires, João de Azpilcueta Navarro e Vicente Rodrigues são o registro oficial de nascimento de Banco da Vitória. Isso, obviamente com as suas devidas considerações, haja vista que esses escribas descreveram e citaram o ponto final de navegabilidade do rio cachoeira, e não o Banco da Vitória, em si, que na época em voga, não existia como localidade.

Há também um mapa arcaico feito por esses religiosos, provavelmente entre 1553 e 1559. Esse documento é o primeiro relato histórico da nossa localização geográfica. Apesar de ter sido feito somente com referências visuais, esse 'mapa' descreve as curvas do rio cachoeira, as matas em torno, os morros no oeste e por fim, o local onde o rio se torna intransponível para a navegação devido a grande quantidade de pedras que surgem no seu leito. Alguns historiadores dizem que a exploração das margens do Rio Cachoeira foi iniciada em 1554. Todavia, há somente um registro oficial desta empreitada numa das cartas das missões de catequeses comandadas pelo padre Manoel da Nóbrega em terras ilheenses. (vide capítulo sobre o Rio Cachoeira).

Faço parte do grupo de pessoas que acredita que esses desbravadores portugueses não ultrapassaram os limites do 'Rio da Esperança' em 1553 e que foram realmente os jesuítas os primeiros visitantes não indígenas do local onde hoje está o bairro de Banco da Vitória.

Há também um outro mapa arcaico, feito depois pelos jesuítas, - isso em 1586 e utilizado pela missão de padre Manoel da Nóbrega em 1592, que é citado por Simão Vasconcelos no seu livro "Crônica da Companhia de Jesus". Neste mapa há um

local assinalado com desenho de marcas escuras aonde o rio se torna inavegável. Ou seja, é a localização das pedreiras do rio cachoeira na altura do Banco da Vitória.

É do grupo desses mapas um que ilustra o livro "São Jorge dos Ilhéus" de José Carlos de Vinhares, onde se vê as descrições da baía de Ilhéus, seus afluentes e suas adjacências. Há também um outro mapa desta época, descrito na página 100 do livro "A Capitania de São Jorge e a Década do Açúcar" de Luiz Walter Coelho Filho.

Nesses toscos mapas, o Rio Cachoeira aparece com seu curso serpenteando os morros e 'se perdendo além dos olhos', como cita em cartas o jesuíta Diogo Jácome. Existem cópias destes mapas no Museu Histórico Nacional e na Biblioteca Nacional (ambos na cidade do Rio de Janeiro - RJ) e no Museu Anchieta (Largo *Pátio do Collegio*, São Paulo - SP).

Segundo os relatos dos jesuítas da Companhia de Jesus, o local onde o rio cachoeira não era mais navegável ficava a uma légua e meia da sede da capitania de São Jorge dos Ilhéus (uma légua geométrica equivale a 6.000 metros). Para os padrões de distâncias da época, esse era um ponto geográfico bastante distante da vila de São Jorge dos Ilhéus.

Toda a região às margens do rio cachoeira era coberta de mata fechada, com feras de várias espécies e índios traiçoeiros. Subindo o rio cachoeira, os desbravadores e jesuítas descobriram que em Banco da Vitória, o rio cachoeira, antes caudaloso e seguro, se tornava cheio de pedras escorregadias e perigosas. Foi o limite de navegação do rio cachoeira que motivou a sinalização geográfica dessa região. Vale aqui frisar que os desbravadores portugueses eram excelentes cartógrafos e que utilizavam mais os desenhos do que as escritas para descreverem os locais visitados. Isso se justifica devido ao fato de muitos dos desbravadores portugueses serem analfabetos ou semi-analfabetos.

Os desbravadores portugueses assinalaram também nos seus toscos mapas um banco de areia que ficava exposto nas vazantes das marés. Esse banco de areia foi citado como á trezentas braças das pedras escorregadias (ficava em frete a atual Água Boa). Como veremos a seguir, esse 'banco' de areia seria séculos depois o primeiro nome oficial da nossa localidade. Vale também frisar que os portugueses costumavam chamar os areais de 'banco' por se acreditar ser nesses locais onde os rios 'depositavam' a areia.

Nesse cenário - reportando-se a época dos relatos dos jesuítas e dos desbravadores portugueses -, o Banco da Vitória era a porta que separava o paraíso - a costa da capitania de São Jorge dos Ilhéus -, do inferno para os estranhos, que era a mata virgem e seus habitantes ferozes. Ir além da curva do banco de areia e das pedras escorregadias, - onde o rio cachoeira se torna inavegável -, era para os moradores da freguesia da capitania de São Jorge dos Ilhéus a mesma coisa que abrir a porta do inferno para encontrar a morte certa, trazida pelos "demônios selvagens", como se chamava os índios aimorés.

Somente os jesuítas da Companhia de Jesus, guiados por sua fé e missões, se lançavam nessas aventuras perigosas. Muitos deles chegaram até os índios e domaram-nos. Outros, contudo, foram vítimas desse povo que tratava como inimigos todos que se aventuram sobre os seus domínios territoriais.

Sair da sede da freguesia de São Jorge dos Ilhéus e se embrenhar na mata, só era possível quando se tinha uma razão muito grande. Esses motivos para os colonizadores eram as descobertas das riquezas contidas nas terras dos índios (em primeiro plano o pau-brasil e depois o ouro). Essa tarefa ficou a cargo dos desbravadores portugueses, que indiferente dos jesuítas, tratavam os índios como inimigos e faziam de tudo para escravizá-los quando não, extingui-los.



Referindo ao que já citei anteriormente, sabe-se que foram os jesuítas comandados pelo padre Manoel da Nóbrega no Brasil, os primeiros estrangeiros que chegaram as redondezas de Banco da Vitória e ali fizeram um pequeno acampamento para poder atrair os índios, doma-los e catequiza-los, Isso provavelmente se iniciou entre dezembro de 1553 a março de 1554. É desse grupo de jesuítas a primeira pedra do alicerce da história da nossa comunidade.

Não há registros históricos da localização exata dos acampamentos para catequeses jesuítica na região de Banco da Vitória. Mas devido aos indícios que os jesuítas preferiam montar acampamentos junto às fontes de água limpa e perto do rio navegável (para facilitar possíveis fugas da investidas dos índios!), pode-se supor que o primeiro acampamento jesuíta tenha sido montado próximo a onde hoje estar localizada à antiga sede da Administração do distrito de Banco da Vitória, no início da Rua Dois de Julho. Isso se justifica, pois nesse local havia um córrego com água doce e limpa, que advinha do sopé do atual Alto da Bela Vista. Numa outra hipótese, esse acampamento catequético foi montado no local do antigo sítio do saudoso José Lavigne (fundos da atual Rua Aldair e do atual posto de gasolina, as margens da Rodovia Jorge Amado), pois neste local também havia um córrego com água dessas mesmas naturezas e havia a possibilidade de navegabilidade.

Obviamente, com a leitura dos próximos capítulos deste livro, você entenderá porque se acredita que foi num desses locais erguido um dos acampamentos dos jesuítas nas proximidades de Banco da Vitória.

Na última expedição do padre Manoel da Nóbrega em Ilhéus em 1592, ele cita o antigo acampamento do banco de areia, numa das suas cartas, referindo-se ao desembarque perto das 'grandes barreiras de pedras' no Rio Cachoeira.

O padre Manoel da Nóbrega, que comandou as catequeses na Costa do Estado da Bahia deve ter ficado pouco tempo por essas plagas (o religioso chegou a Ilhéus em Novembro de 1549). Segundo o historiador Accioli, o religioso passou por Ilhéus, rumo a Porto Seguro, para saber como andavam as expedições jesuíticas na região. Existem fartos relatos das estadias do Padre Manoel da Nóbrega na sede da vila de São Jorge de Ilhéus e em suas missões nestas terras. Contudo, sabe-se que as suas ordens de catequeses em terras ilheenses foram suficientes para fazer germinar o que seria anos depois o 'Banco do Rio' - que foi o primeiro nome informal que se deram as proximidades das cabanas feitas pelos jesuítas nas margens do rio cachoeira para iniciar a catequese dos índios aimorés e tupiniquins.

Para Ilhéus, Padre Manoel da Nóbrega enviou inicialmente os padres Leonardo Nunes e Diogo Jácome. Pouco tempo depois, o Irmão Vicente Rodrigues foi substituir o padre Leonardo, que foi transferido para a vila de São Vicente, em São Paulo.

Vale citar que a primeira grande aldeia contatada pelos jesuítas nas margens do rio cachoeira estava onde se localiza hoje há fazenda Primavera (domínio territorial de Ilhéus e zona interurbana de Itabuna). Um outro grupo indígena vivia na margem esquerda do rio cachoeira e foi identificado depois como do grupo dos tupiniquins. O local da aldeia era chamado de pirataquicé, que significava na língua tupi, 'peixe pescado ontem' ou 'peixe de muitos dentes'. Esses índios dominavam toda a extensão entre o rio cachoeira e o rio do engenho.

Contudo, nem Jorge Figueiredo Correia - que jamais esteve na sua posse no Brasil, nem os jesuítas e exploradores portugueses não imaginaram que teria tanto trabalho para domar os verdadeiros donos dessas terras, os índios tupiniquins e aimorés. Esses grupos indígenas, - como veremos a seguir -, estavam dispostos a não somente inibir os avanços dos portugueses nas *terras brasílicas*, como também, estavam seriamente comprometidos em exterminar os invasores europeus.

Infelizmente, foi a partir do Banco da Vitória que muitas 'bandeiras' e 'entradas' portuguesas partiram exatamente com o intuito de expulsar e exterminar os índios dessas terras. Foi devido ao acesso a navegação pelo rio cachoeira que 'banco do rio' foi 'registrado' nos anais portugueses como ponto de apoio para as expedições e explorações da capitania de São Jorge dos Ilhéus.

A vila de São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade em 28 de junho de 1881. Geograficamente, o município de Ilhéus localiza-se na zona cacaeira do sul

do estado da Bahia, tendo como coordenada 14°. 57´ 55 “ de latitude sul e 39°. 02´01” de longitude oeste.

Para conhecer a verdadeira história de Banco da Vitória, se faz necessário também conhecer primeiro os moradores que ali viviam antes da chegada dos exploradores portugueses em solos brasileiros. Só assim, eu acredito que posamos realmente alicerçar a nossa verdadeira história.

Se, por ventura, quisermos saber somente a nossa origem a partir dos portugueses, estaremos renegando uma parte importante da nossa história. Isso porque os índios, mesmo desprovidos na época das técnicas de desbravadores portugueses, foram significativamente importantes para a nossa formação sócio-cultural.

Antes dos Portugueses

Mas afinal, quem eram os índios que viviam na região de Banco da Vitória?

Antes da chegada dos portugueses a Pindorama (antigo nome do Brasil, dado pelos índios tupis), essas terras já eram ocupadas por índios de diversas etnias. Os troncos étnicos eram os Tupis, Jês, Aruaques e Caraívas. Os Tupinambás (do grupo dos Tupis) ocupavam os territórios beira-mar que ia do Rio Grande do Sul até à Paraíba. Os índios Teremenbes ocupavam da costa do Ceará até a costa do Pará. Os Kaingangas ocupavam os interiores do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Os Botocudos - inimigos ferozes dos Tupinambás -, ocupavam os interiores de Minas Gerais e Bahia. Nos Pampas Gaúchos tinham os Guaranis e o Centro-Oeste do Brasil era dominado pelos Caiguas, Bororós e Mojós. O Centro do Brasil era dominado pelos Carajás, Caipós, Nhambiquaras e Caraívas. O Sertão era território dos Xavantes e o Norte era território dos Teneteara, Uaiuia e Paruagues. Estima-se que quando do "achamento" do Brasil em 1500 havia 3,5 milhões de índios divididos em diversas subs-etnias e línguas.

Antes de 1550, o território da capitania de São Jorge dos Ilhéos era ocupado pela etnia Tupinambá na faixa costeira e os Botocudos nos interiores (fronteira de Minas Gerais). Os tupinambás, aos poucos foram perdendo território para o subgrupo Aimoré e Jês. Havia ainda pequenos grupos de índios Tupinambás que estavam enfraquecidos e subdivido em grupos menores que se chamavam simplesmente Tupis e que ocupavam a faixa que ia do Recôncavo Baiano até o Pernambuco e os Tupiniquins (outro subgrupo dos Tupinambás) que ocupavam a faixa que ia de Porto Seguro até o estado do Espírito Santo.

Quando os portugueses liderados por Francisco Romero chegaram às terras ilheenses, quem comandava essa região eram em sua maioria os índios tupis, do sub-grupos tupiniquins. Havia também os tupinambás mais ao norte do litoral baiano e os aimorés mais para o interior das matas.

Os índios tupiniquins de Ilhéus vivem exclusivamente no litoral. Eles sabiam nadar, - ao contrario dos aimorés que não sabiam nadar. Os tupiniquins eram amigáveis e foram fundamentais para a construção da vila de São Jorge dos Ilhéus. Esses índios eram exímios caçadores e pescadores. Dominavam as técnicas rudimentares de cerâmicas e cestaria. Viviam em cabanas cobertas de palhas de palmeiras e dormiam sobre um tipo de cama feita de madeira fina, chamada “giróis”. Normalmente as cabanas eram coletivas e formavam pequenas aldeias. Esses índios eram hospedeiros e não praticavam comumente o canibalismo. Isso só ocorria aos términos das guerras contras os tupinambás ou os temidos aimorés. Contudo, os tupiniquins não aceitaram os métodos de escravidão impostos pelos colonizadores portugueses e logo se iniciou os atritos entre esses povos.

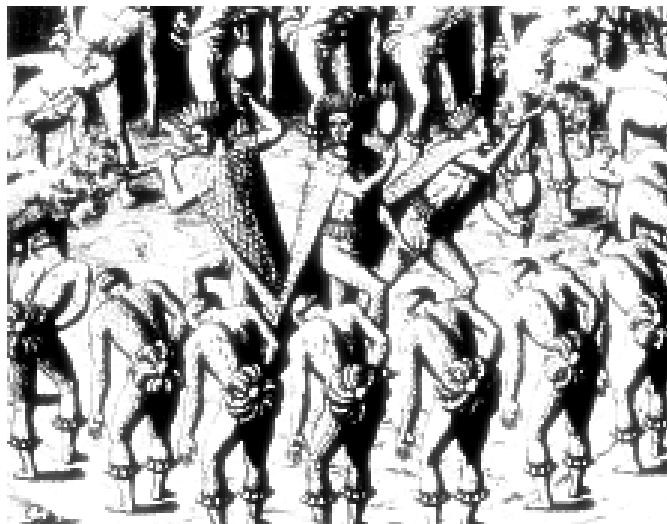
Os primeiro engenhos de açúcar e plantações de cana a margem do rio cachoeira foram feitos pela mão-de-obra dos índios tupiniquins, que depois revoltados com os maus tratos dos portugueses, resolveram invadir a vila de São Jorge dos Ilhéus, em 1559. O então governador da Bahia, Mem de Sá, veio a Ilhéus resolvido a debelar os ataques dos índios nesta região. Nesta sua empreitada centenas de índios foram assassinados e os seus corpos ficaram expostos pela atual Praia do Sul. O episódio ficou conhecido com a Batalha dos Nadadores, devido a carnificina que ocorreu na praia de Cururupe. Nesta época se intensificaram as expedições para aprisionar índios para servirem de escravos nas roças e engenhos de açúcar de Ilhéus.

Os índios tupiniquins não aceitaram o sistema de escravidão imposto pelos portugueses e criaram sérias resistências, promovendo rebeliões, revoltas e quando aprisionados, até suicídios em massa. Em 1599 foram trazidos índios tapuias para trabalharem como escravos no engenho de Santana. Em 1603 foram trazidos índios potiguares de Pernambuco para combater os temíveis índios aimorés que atormentavam as plantações principalmente nas margens do rio cachoeira. Os índios aimorés jamais foram escravizados com sucesso em solo brasileiro. Esses índios não aceitavam ordens e preferiam morrer sobre acoites a trabalhar com escravos.

Analisando com afinco as cartas dos Padres Manoel da Nóbrega, Francisco Pires, João de Azpilcueta e Vicente Rodrigues e os relatos Anquires Liois, proprietário do Engenho do Taípe, registrado em Cartório Público (segundo o historiador Stuart Schwartz) descobre-se que um dos grandes motivos das constantes guerras e ataques de índios nas plantações à margem do rio cachoeira se dava devido ao caráter religioso da proximidade de Banco da Vitória para os índios de diversas etnias que viviam nessa região.

Os índios aimorés, que temiam assustadoramente a água dos rios e principalmente do mar, preferiam fazer seus sacrifícios e celebrações religiosas numa pedra grande, a margem esquerda do rio cachoeira. Somente os feiticeiros iam até esse local. Os aimorés chamavam esse local de uma-ytá ou umaitá, que significava em tupi ‘pedra escura’. (hoje esse local se chama pedra de Guerra, devido ao antigo morador chamado José Guerra, que tinha uma roça nas proximidades). Já os índios tupiniquins chamavam a região de Banco da Vitória de Paranapecú, que significava “língua do mar”. Esses índios acreditavam que a maré que subia o rio cachoeira, era

um língua do mar que vinha afugentar os seus inimigos aimorés. Para os índios tupiniquins, como descreveu o padre Pires, essa região era um local sagrado para se fazer oferendas os deuses indígenas, principalmente a lara, a rainha das águas. Acima do Banco da Vitória, subindo o rio, os índios tupiniquins chamavam o rio cachoeira de itatiba, que significa em tupi ‘muitas pedras’.



O termo aimoré, na língua tupi antiga significava: ‘flauta ruim’. Isso porque esses índios utilizavam um botoque de madeira no lábio inferior da boca que lhe impedia de tocar flauta. Para isso, os aimorés usavam o nariz e conseqüentemente produziam sons diferentes da flauta convencional feita de bambu. Os aimorés que habitavam nas terras de Ilhéus eram temidos pelas demais etnias índias devido as suas atrocidades guerreiras e principalmente o canibalismo. Essa etnia índia era nômade e apesar de terem uma vasta faixa de terra para ocupar, preferia viver nas matas com rápidas inclusões nas beiras dos rios. Raramente os aimorés iam até o mar, que era chamado de añaretá (inferno em tupi).

Esses índios eram amantes primazes de guerras tribais e mantinham total domínio sobre suas terras que iam dos limites oeste de Ilhéus até os atuais municípios de Planalto da Conquista (Sudoeste do Estado da Bahia). As tribos aimorés eram formadas de 30 a 40 indivíduos que falavam a mesma língua, tinham os mesmos costumes e possuíam um sentimento de unidade. Não existia uma autoridade central na tribo. Cada uma das aldeias constituía uma unidade política independente, com um chefe que não se distinguia dos demais homens, caçava, pescava e trabalhava (raramente) nas roças com qualquer um. Só em caso de guerra o comando era entregue ao morubixaba. Havia ainda um chefe para as cerimônias religiosas, que tinha grande influência sobre o grupo. Ele era também o curandeiro da tribo, cuidando dos doentes com ervas medicinais e magia. Não havia nem escravos nem uma camada dominante entre os aimorés, pois as técnicas rudimentares de sociedade forçavam todos viverem igualmente. Essa forma de organização dá-se o nome de comunidade primitiva.

As atividades agrícolas eram realizadas rudimentarmente nas florestas, dada à fertilidade das terras, pelos índios tupiniquins que normalmente tinha agrupamentos superiores a 300 indivíduos. A caça, a pesca, a coleta e a exploração de recursos naturais eram bastante utilizadas, haja vista a abundância desses meios de subsistência. Já os aimorés eram exclusivamente extrativistas e não plantavam nada devido ao seu caráter nômade. Preferiam roubar plantações dos tupiniquins.

Os jesuítas da Companhia de Jesus identificaram duas línguas básicas entre os índios do litoral do Brasil. Os Tupis, povo da "língua geral" e os Tapuias, povos de "língua travada". Estes últimos foram depois identificados com Jês. Para poder lidar com as tribos, os jesuítas aprenderam a língua tupi.

Os jesuítas observaram que os índios aimorés tinham traços físicos bem definidos. Os homens eram corpulentos (quase dois metros de altura e pesavam em média 80 quilos), e eram possuidores de admiráveis forças físicas. A pele era queimada, em tons de marrom. Usavam cabelos longos ao sabor dos ventos. Andavam nus, apesar de utilizarem peças feitas de penas e folhas para cobrirem as genitálias. Eram desprovidos de pêlos por todo o corpo. Em contra partida as mulheres eram de estrutura mediana, mas com a mesma cor dos homens. Costumavam manter os cabelos longos até a adolescência e depois de casadas, mantinham curtos. Adornavam os corpos como que encontravam na natureza - penas de aves, folhas de plantas nativas, raízes e utilizavam pedaços de paus e cocos para fazerem brincos, colares, pulseiras e outros utensílios.

Os homens aimorés normalmente viviam entre oitenta e cento e vinte anos de idade. As mulheres viviam em média oitenta anos. Quando atingiam essas idades, todos, indiferentes de sexos, eram reverenciados e altamente respeitados por toda tribo. Os mais jovens protegiam e alimentavam os mais idosos. Quando estavam doentes, eram visitados, amparados e ajudados pelos amigos. Quando a doença não havia cura, os aimorés sacrificavam o doente, para que não houvesse sofrimento. A causa mais freqüente de óbito entre os índios jovens era o veneno de cobra, quando não a morte na guerra. Entre as cobras venenosas haviam as temidas surucucus pico de jaca, a jararaca, o jaracuçu e a coral. Entre as serpentes não venenosas havia a jibóia, cainana e a salamandra.

Entre as mulheres indígenas de todas as etnias, a virgindade era muito valorizada. Os namoros e casamentos eram sempre arrumados pelos pais. Quando uma donzela não conseguia um pretendente, era levada para o chefe da tribo que a possuía e lhe mantinha como mais uma esposa. As festas de casamento duravam cinco dias e os matrimônios eram severos, apesar da poligamia. Possuir várias mulheres era sinal de prestígio. O adultério era raro e o marido podia expulsar a ré, depois de açoitá-la. Na maioria dos casos as adúlteras entre os aimorés eram mortas pelo marido e devoradas pelas demais esposas.

Os aimorés possuíam semblante ameaçador, corriam iguais as feras e por isso eram muito temidos. Eram fisicamente fortes, de temperamentos inconsistentes e fáceis de ser levados a fazerem o mal. Ao irem para a guerra, marchavam em silêncio, com a barriga pintada de preto, mas no embate faziam bastante alarido jogando setas

envenenadas das quais os feridos jamais escapavam. Os índios aimorés se enfeitavam todos os seus corpos para irem à guerra. Suas armas eram as flechas, as pranchetas, arcos e dardos. Usavam também as clavas e machados de mão. Quando conseguia derrubar o inimigo, o guerreiro aimoré usava também os dentes para arrancar peles e carnes do moribundo. Eles não reconheciam diferenças entre mulheres, crianças e homens, durante os ataques. Matavam todos com a mesma crueldade.

Os aimorés levavam uma vida descuidosa e preferiam dormir sobre as árvores ou no chão. Não semeava, pouco plantavam (raramente mandioca) e só se esforçavam por causas nobres (caçar, pescar e guerrear). Alimentava-se principalmente de caças, frutas, mel de abelhas, maribondos, flores e peixes. Comiam caças frescas sem temperos ou condimentos. Para assar carnes ou peixes, os aimorés faziam um buraco na terra, colocavam a carne, enterravam pondo folhas de árvores em cima e faziam uma fogueira por cima de tudo. Entre os seus principais alimentos se destacavam a banana da terra, inhames, abacaxi, jerimum, milho, aipim, tapioca, mandioca, feijão, batata e arroz nativo.

Nas festas religiosas de todos esses povos era servido um tipo de bebida alcoólica feita com a mandioca fermentada. Essa bebida se chamava 'cauim' ou 'caulim' e era tão forte quanto o atual éter derivado do álcool. Além de possuírem amplos conhecimentos da flora medicinal, os índios fumavam e bebiam ervas alucinógenas e usavam um tipo de fumo nativo, altamente tóxico, chamado yabaça-umumi. Entre as ervas usadas em rituais religiosos e de guerra se destacavam um tipo de cogumelo marrom, que nascia sobre as fezes de alguns animais e era mascados, após seco. Havia também o sumo da planta aitim-igá (corneta branca, flor normalmente encontrado perto de brejos ou alagadiços, altamente tóxicas e venenosa) e as folhas de um tipo de ramagem chamada 'a-adaca', um parente próximo da alfafa.

Ao contrário dos tupis, que eram ceramistas espetaculares, os aimorés pouco trabalhavam com barro e utilizavam madeiras ocas e bambus para guardar alimentos ou sementes. Com o bambu os índios tupis faziam um tipo de ferramenta de corte parecido com o facão.

A religião dos índios brasileiros era naturalista com forte apelo animalista. Eles usavam as forças da natureza como o trovão, a lua, o sol para representar os seus deuses e acreditavam em alguns animais como sagrados, como os morcegos, as cobras e algumas aves. Os índios admiravam algumas constelações celestes como divindades e conheciam as forças das quadras da lua na influência da agricultura, pesca, caça e até na fecundação.

Os índios não faziam nada sem antes consultar os feiticeiros e adivinhos. De modo geral, a religião dos índios brasileiros lembrava um pouco as religiões africanas, no tocante a influência forte de feitiços na vida indígena. Os jesuítas que aqui chegaram denominaram esses atos culturais de selvagens e diabalescos. Depois de vários contatos com os índios, os religiosos portugueses perceberam que essas

manifestações eram somente uma questão de costumes e que não apresentavam nenhuma prática não explicada pela antropologia.

Um outro detalhe que chamou a atenção dos jesuítas nas comunidades indígenas foi a não existência de indivíduos com qualquer tipo de deficiência física. Depois se descobriu que todos os índios brasileiros sacrificavam as crianças nascidas com qualquer tipo de deficiência física ou mental.

Os índios aimorés tinham um ponto fraco: temiam os trovões. Assim que começam as épocas de chuvas fortes, eles não guerreavam e se escondiam em cavernas e ocos de árvores.

A língua falada pelos índios aimorés era truncada, como se dita na caixa torácica do indivíduo. A linguagem era muito mal entendida, pois era trêmula, cantada e de estropio nasal. As palavras eram muito parecidas e pronunciadas com musicalidade específica. Os assobios era uma linguagem à parte. Muito utilizado nas caçadas e principalmente nas guerras. Foram os assobios e salvos de pios dos aimorés e tupis, as primeiras manifestações de linguagem que os jesuítas aprenderam e utilizaram para manter contatos com indígenas que habitavam a capitania de São Jorge dos Ilhéus.

As primeiras aldeias aimorés encontradas pelos jesuítas nas terras de Ilhéus eram pequenas, com 40 indivíduos no máximo. Depois se descobriu que a quantidade de aldeias é que era grande. Naquela época se estimou que os índios aimorés na região de Ilhéus e adjacências chegavam a um número de 100 mil indivíduos. A quantidade dos tupis foi estimada em 800 mil no litoral baiano.

Em 1570 foi assinada a Carta Régia que dava a liberdade aos índios brasileiros. Todavia, somente em 1755, o Marquês de Pombal, assegura a lei de liberdade desses índios. Lamentavelmente, em apenas 200 anos, os colonos portugueses extinguíram quase todos os índios da nossa região. Hoje, na região de Banco da Vitória não há nenhum registro histórico da existência dos índios nesse local.

Na pedra de Guerra havia algumas inscrições rupestres feitas por índios que foram destruídas por vândalos. Eu cheguei a vê-las no início da década de setenta, mas naquela época não tínhamos máquinas fotográficas para registrá-las. No local do antigo centro religioso dos índios tupiniquins, (próxima a atual ponte para o distrito de Maria Jape), nada mais se ver que lembre esse local religioso, descrito pelos desbravadores e jesuítas portugueses.

Como se observa, a região de Banco da Vitória era disputada principalmente pelos índios aimorés e tupiniquins. Segundo o padre Manoel da Nóbrega, os tupiniquins tinham supremacia sobre essa região, já que a região de Lagoa Encantada (outro local sagrado para os índios) era dominada pelos remanescentes dos tupinambás, nessa época, inimigos dos tupiniquins e dos aimorés. Os aimorés, como já dissemos, tinham medo de água, mas faziam muitas incursões na região de Banco da Vitória, pois alie eles podiam atravessar o rio cachoeira nos locais onde as

pedras afloram, facilitando a travessia. Já os índios tupiniquins que ali habitavam e protegiam os seus territórios mais por questões religiosas.

Em oitivas de Seu João Batista, o coveiro e seu Tiago Cardoso (pai de Bibogo) soubemos que havia um antigo cemitério de índios na proximidade da mata da Rinha, por trás do atual bairro do Alto do Iraque. Quando da construção da primeira estrada entre Ilhéus e Itabuna, se descobriu esse cemitério que foi prontamente destruído e descaracterizado pelos trabalhadores desta obra. Um outro cemitério indígena foi encontrado por trabalhadores rurais quando da abertura da estrada que liga Banco da Vitória a Maria Jape. Segundo seu Juca Pereira, os tratores remexeram as terras, sem a devida importância arqueológica e o patrimônio histórico foi perdido. Há indícios de oitivas que se tinha também um cemitério indígena num local chamado antigamente chamado de Banco do Furtado, (um banco de areia que existia no rio cachoeira, próximo a atual fazenda Porto Novo).

Contudo, no tocante a cultura indígena na nossa comunidade, o Banco da Vitória não tem muito que comemorar haja vista que não se cultuou a grande herança que os índios deixaram em nossa região. Todavia, no ano 2003, foi encontrado no Rio Cachoeira, pelos pescadores de ostras de Banco da Vitória, uma pedra de machado indígena que possui aproximadamente 600 anos. Essa relíquia, - graça a Deus, veio parar em nossas mãos e foi preservada. Hoje ela estar sendo analisada por um museu carioca e assim que for catalogada, será enviada para a nossa comunidade como forma de peça histórica de valor incalculável.

Os índios, bem antes dos portugueses e depois os escravos africanos, já tinham escolhido a localidade de Banco da Vitória para viver devido ao Rio Cachoeira e a força das marés do Oceano Atlântico. Esses motivos nos reportam para a importância da nossa localidade para a cultura brasileira. Isso porque, os índios de Ilhéus sempre jamais acreditaram que iam perder a batalha para os invasores portugueses. Pindorama, para eles, era o verdadeiro céu.

O Rio Cachoeira, com a força das suas marés, inocentemente trouxe os desbravadores portugueses para o paraíso dos Índios de Banco da Vitória. Estes, sem saberem o porquê, deixaram os domínios de lara e se empenharam nas terras de Tupã. Eles jamais voltaram.

Em Breve, tem mais!

Roberto Carlos Rodrigues